[CONTOS E CRÔNICAS]

# O FILHO QUE NÃO TIVE

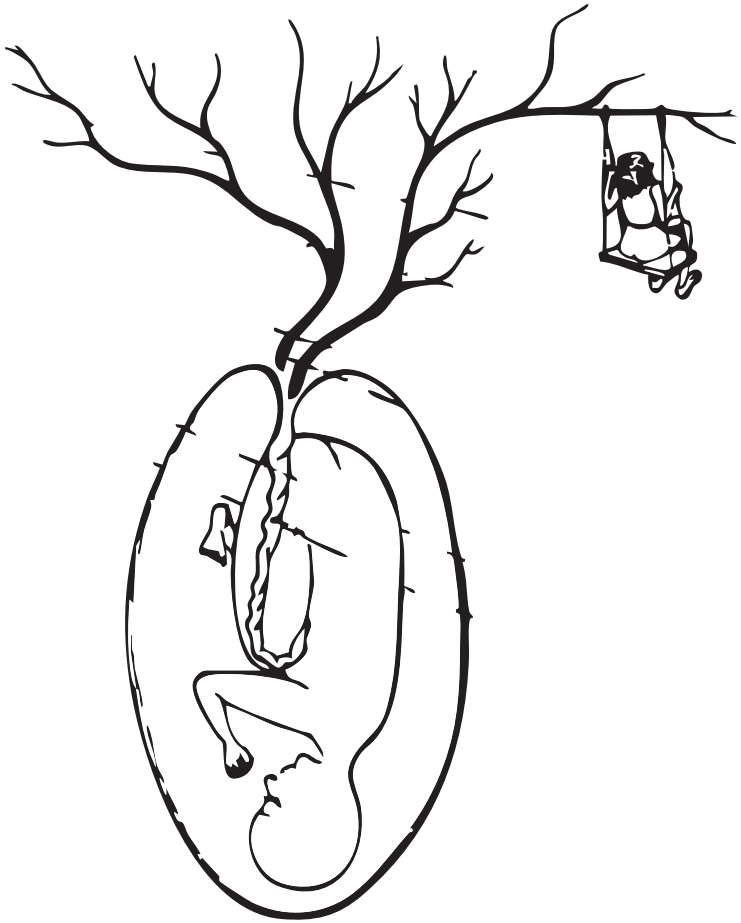
Maureen Miranda

[ OUTRAS ] PALAVRAS

Biblioteca Paraná

Anadarca brasiliana edições

# O FILHO QUE NÃO TIVE



ANADARA BRASILIANA EDIÇÕES
1ª Edição - Copyright© 2024

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida, distribuída, ou transmitida de qualquer forma ou por qualquer meio, incluindo fotocópia, gravação, ou outros métodos eletrônicos ou mecânicos, sem prévia permissão por escrito do autor.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil

Miranda, Maureen
O filho que não tive / Maureen Miranda. -- 1. ed.
-- Paranaguá, PR : Anadara brasiliana Edições, 2024.

ISBN 978-85-85063-31-3

1. Cartas 2. Ficção brasileira I. Título.

24-243985 CDD-B869.3

Índices para catálogo sistemático:
1. Ficção : Literatura brasileira B869.3
Eliete Marques da Silva - Bibliotecária - CRB-8/9380

COORDENAÇÃO GERAL DE PROJETO:
Anadara brasiliana Edições

COORDENAÇÃO EDITORIAL:
Rosana Barroso Miranda

ASSISTÊNCIA EDITORIAL:
Dan Porto

REVISÃO ORTOGRÁFICA:
Aglaé Gil

DIAGRAMAÇÃO DE CAPA E MIOLO:
Yaidiris Torres

ILUSTRAÇÕES DE MIOLO:
Ivana Cassuli

# O FILHO QUE NÃO TIVE

Maureen Miranda

Anadara brasiliana edições

Curitiba, 2024

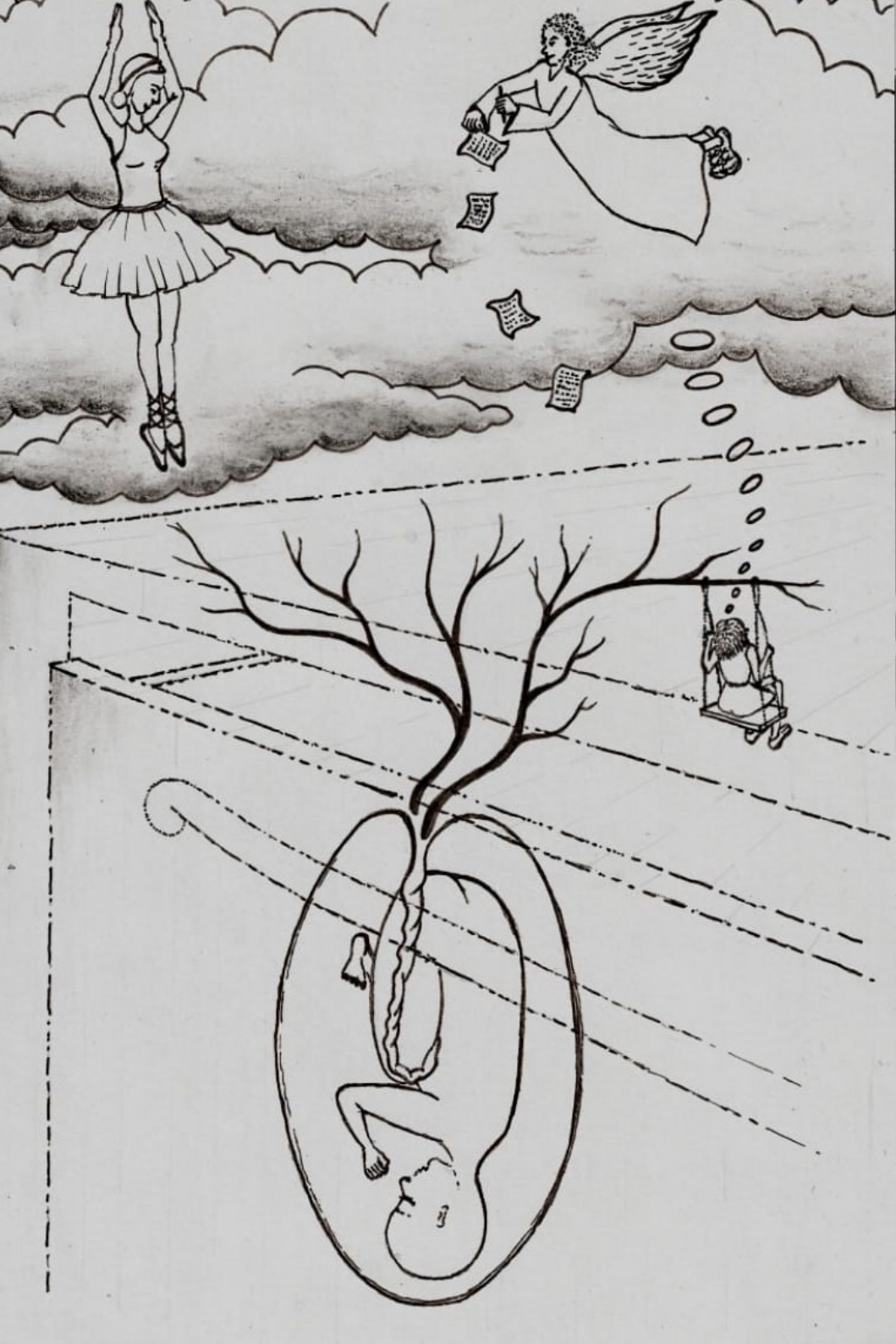
# SUMÁRIO

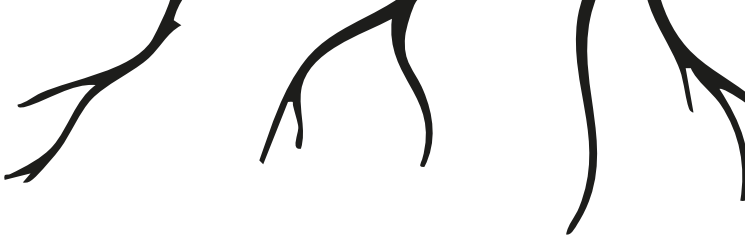

PREFÁCIO ..... 7

CAPÍTULO I
UMA ESPÉCIE DE CORRESPONDÊNCIA CELESTIAL ..... 8

CARTA I: DO FILHO PARA A MÃE ..... 9
CARTA II: DA MÃE PARA O FILHO ..... 10
CARTA III: DA MÃE PARA O FILHO ..... 11
CARTA IV: DO FILHO PARA A MÃE ..... 12
CARTA V: DA MÃE PARA O FILHO ..... 13
CARTA VI: DO FILHO PARA A MÃE ..... 14
CARTA VII: DA MÃE PARA O FILHO ..... 15
LISTA DE QUANDO FUI FILHA E QUERO DIVIDIR COM VOCÊ ..... 16
CARTA VIII: DO FILHO PARA A MÃE ..... 18
CARTA IX: DA MÃE PARA O FILHO ..... 19
IDEIAS QUE RASGAM TUDO, AQUI ..... 20
CARTA X: DO FILHO PARA A MÃE ..... 21
CARTA XI: DO FILHO PARA A MÃE ..... 22
CARTA XII: DA MÃE PARA O FILHO ..... 23
CARTA XIII: DO FILHO PARA A MÃE ..... 24
CARTA XIV: DA MÃE PARA O FILHO ..... 25
CARTA XV: DO FILHO PARA A MÃE ..... 26
CARTA XVI: DA MÃE PARA O FILHO ..... 27

INÍCIO DE IDEIAS INGÊNUAS SOBRE A VIDA E SOBRE SER MÃE ..... 28
CARTA ÚNICA PARA O FILHO ..... 30
SAUDADE DE SER O QUE NÃO CONSIGO ..... 32
A VIDA DE SUNNY ..... 33
AULA DE *BALLET* ..... *35*
LISTA DE REGRAS ..... 37
SOBRE ARRANCAR O PRÓPRIO DENTE POR NÃO SABER MAIS SENTIR DOR ..... 38
ENTENDI UMA DAS REGRAS ..... 39
A ROTINA QUE NÃO É ..... 40
AUTOMUTILAÇÃO ILUMINADA ..... 42
AULA DE ESCREVER ..... 44
O TEMPO E O VESTIDO ..... 46
RISADAS E MAÇÃ ..... 49
MEU POEMA INSPIRADO NO GOSTO DA MAÇÃ E ESMERALDA ..... 51
AULA DE CANTO ..... 52
HEN RI QUE ..... 55
ESMERALDA ..... 56
O ENSINADOR DE COISAS ..... 57
O SUSTO DE ESMERALDA ..... 60
O NAMORADO ..... 61
POLÍCIA E ESMERALDA ..... 62
POEMAS ESCRITOS POR SUNNY PARA ESMERALDA ..... 63
PRIMEIRAS PALAVRAS (E FRASES SOLTAS) QUE SUNNY APRENDEU ..... 68
*SOBRE A AUTORA* ..... 70





# PREFÁCIO

Deveria ter uns oito anos e já pensava em ser mãe. Com essa idade comecei a guardar objetos que, de alguma forma, representassem o que eu fui, para mostrar para o meu filho, se um dia tivesse um. O primeiro foi um caderno de escola comum, na época eu deveria estar com dez anos. Guardei também um pequeno diário com capa *jeans*, escrito só até a metade, fotos e alguns brinquedos como, por exemplo, um urso de pelúcia e minha primeira boneca. Durante minha adolescência, inúmeras vezes eu agi de forma que meu futuro filho, caso estivesse me vendo, sentisse orgulho de mim. Lia livros e mais livros para formar um conteúdo intelectual interessante para passar para ele. Quando cresci, decidi ser artista, então ficava imaginando meu bebê crescendo em coxias de teatros, *sets* de filmagens, essas coisas. Ouvia por aí que quando os pais são extrovertidos, geralmente os filhos são retraídos... será? Será que vou ser julgada por ele? Vergonha da mãe? Mãe malucona? Bom, resolvi enfim escrever sobre este filho imaginário que, de alguma forma, terá que nascer de mim.

Este livro é para você, meu filho(a) e para você, mãe que mora em mim.

# CAPÍTULO I

## UMA ESPÉCIE DE CORRESPONDÊNCIA CELESTIAL

# CARTA I: DO FILHO PARA A MÃE

"Mãe, acho que te escolhi, acho sim. Daqui de cima gosto muito do modo como você caminha. Os passos são rápidos, parece que está sempre, sempre, com pressa e acho isso bom, mas em paralelo, quando você vê uma folha, uma folhinha diferente em alguma planta no caminho, não há quem faça você andar. O jeito que comenta, mostrando empolgada a descoberta, é muito interessante de ver. Eu também adoro as folhas; quando venta eu fico olhando e elas voam e voam. Por falar em 'voar', é muito peculiar esse teu interesse por asas. E não só de asas de anjos e fadas, você gosta também de asas de insetos de todos os tipos e é muito divertido reparar nos seus amigos dando a você de presente esses bichos que eles encontram por aí. Mãe, desculpe a análise minuciosa, é que preciso ter absoluta certeza de que você é a mãe certa para mim. Eles que me mandaram analisar os prós e os contras. Espero que entenda. Ah! Faltou dizer que acho lindo o seu nome ser Sarah. Ass: Filho."

# CARTA II: DA MÃE PARA O FILHO

"Querido filho, tenho 8 anos, me chamo Sarah. Meu aniversário foi um sucesso, eu e minhas amigas brincamos de um monte de brincadeira engraçada. Ainda não deu pro meu pai comprar o 'bebezinho" da Estrela porque é muito caro e meu pai não tinha o dinheiro todo porque sou eu e a minha irmã. Vou rezar para chegar o Natal logo e se meu pai economizar, aí eu vou ganhar o 'bebezinho'. Escolhi o menino porque o tiptop que vem parece de verdade. Quando eu for a sua mãe vou querer um menino ou vou adotar no orfanato. Tchau.

Ass. Mamãe. "

# CARTA III: DA MÃE PARA O FILHO

"Filho, por enquanto não tive nenhum sonho contigo, acho que é porque você está muito longe de chegar até mim. Tenho treze anos e acho que sou proibida de namorar. Ano que vem vou aprender a dirigir. Todas as minhas amigas já beijaram na boca, menos eu. Já treinei com uma uva dentro do copo de vidro. Achei ridículo. Acho que não gosto mais de um menino que eu gostava desde a quinta série; agora gosto de outro, mas não posso falar. Ontem, na aula de Educação Física, ele se deitou no chão de tão cansado e apoiou uma das pernas e acabei vendo a cueca dele. Fiquei com vergonha, mas olhei mesmo assim e meio que vi o começo da bunda dele também. Acho que vai demorar muito pra gente se encontrar, por enquanto tenho medo de tudo que tenha a ver com meninos e sexo. Não sei se essas coisas posso falar com um filho, mas é que confio na amizade de mãe e filho, isso é um sonho para mim. Sinto raiva das minhas amigas, não de todas. Depois eu conto."

# CARTA IV: DO FILHO PARA A MÃE

"Mãe, estou aqui rindo muito com suas cartas de quando você era criança. Guardaram numa caixa linda aqui pra mim e só me entregaram hoje, um dia depois de você ter completado quatorze anos. Olha, depois de ler todas essas cartas, definitivamente é você mesma que eu quero para ser minha mãe, estou até emocionado aqui."

# CARTA V: DA MÃE PARA O FILHO

"Oi, filho sou sua mãe e ganhei de presente um diário muito bonito e resolvi escrever cartas para você. Sei que só tenho onze anos, mas sou muito inteligente para a minha idade. Hoje de tarde fui na casa da Miriam e levei meu "bebezinho" dentro de uma sacola, mas cuidei para que a cabecinha dele ficasse para fora, imaginando que ele pudesse respirar. Odeio cigarro, mas o irmão da minha amiga Miriam faz coleção de caixas de cigarros importadas e sabe o que a gente faz? Pegamos escondido e enchemos duas caixas de canetinhas coloridas e 'fumamos' tudo. A mãe dela é braba, mas deixa nós duas entrarmos no carro com nossos 'filhos' e fumar nossos cigarros. Conversamos com sotaque carioca e rimos muito fazendo formatos de bocas soprando as fumaças transparentes. A filha da Miriam é a Bochechinha e o meu é o Bebezinho. Ganhei de aniversário um bercinho de bambu e estou completamente encantada, parece uma minicama, tem até colchão. Minha irmã também ganhou. Tchau."

**Lembranças que rasgam tudo, aqui**

## CARTA VI: DO FILHO PARA A MÃE

"Hoje consegui aparecer no seu sonho. Só que eu de menina. O que você sentiu? Espero que tenha gostado. Vou esperar ansioso pela sua carta.

Ass.: Filho ou Samuel. O que acha desse nome?"

# CARTA VII: DA MÃE PARA O FILHO

"Oi, filho. Estou com 44 anos e escrevo para você da cama improvisada aqui, na casa de meus pais. Hoje confesso que não estou muito bem. Noite passada sonhei com você. Foi muito real e assim que acordei, eu me lembrei de tudo com clareza. Primeiro, você era recém-nascido e menino. Estávamos num carro que tinha sido arremessado ao mar. Rapidamente abri a porta, segurei você apertado no meu peito e subimos num pequeno veleiro que nos salvou. Quem estava no leme era um homem muito bonito com cabelos castanhos até os ombros e barba. Eu segurava você no colo, com alívio. Nesse momento você já era uma menininha de uns oito anos, linda, cheia de cachos e risonha. A esposa do homem do barco apareceu e me tratou muito mal, não entendi o motivo. Só sei que o sonho fez com que eu sentisse seu abraço. O que é importante eu dizer mesmo é que tenho pensado muito em você e em como faço para resolver objetivamente essa questão. Fico sem saber se você já existe e está em algum orfanato esperando por mim ou se ainda é uma alma e mora no céu e talvez esteja esperando muito e desista de mim, ou se estou maluca e não é nada disso. Queria muito um sinal.

Ass.: Mãe "

# LISTA DE QUANDO FUI FILHA E QUERO DIVIDIR COM VOCÊ

Lembranças que eu pensei que tivessem se perdido, mas não, elas estão mais vivas do que nunca. Filho, esta lista é só pra você me conhecer melhor, já que com certeza será temporão.

1. A sensação de ir para a cama no colo da minha mãe, mas eu nem estava realmente dormindo. Acontece que o "ninar" dela era tão bom que eu fechava os olhos e ela pensava que eu já tinha pegado no sono.
2. Passava a panqueca no chão de tacos de madeira e comia, sentindo o crocante da poeira nos dentes.
3. Meu pai batendo na porta do banheiro dizendo "deu!" durante meu banho de chuveiro demorado.
4. Foto minha de *collant* de *ballet* no jardim de casa me sentindo linda.
5. Amava morar perto do cemitério e brincar nos túmulos com portinhas pequenas de ferro.
6. A sensação de tocar com o dedo indicador no mamilo da minha mãe e chamá-lo de "bibigui".
7. A textura do sofá da sala de TV que tinha cor de doce de leite e relevos fofinhos.
8. Grudar "tatu" na cabeceira do meu berço.
9. Odiar dormir de mosquiteiro e amar ao mesmo tempo.
10. Beber Nescau forçada, de manhã cedo, antes de ir pra escola para não ir estudar em jejum.

11. Abanar com um leque desesperadamente uma trilha de formigas para salvá-las de veneno de *spray* que alguém que não me lembro tinha aplicado sobre elas.
12. Achava os pais de todas as amigas mais calmos que o meu.
13. Usei a roupa de minha irmã sem pedir uma única vez e me senti estranha.
14. Me exibia para os outros com singelos brincos de *hippie* e achava que estava arrasando.
15. Do que mais sinto saudades da infância é de dar milho moído aos pombos em Porto Alegre com meu avô materno.
16. Chorei quando percebi que meu pé estava crescendo.
17. Sempre, desde muito nova, amo tomar chá, menos de boldo.
18. A mão da minha mãe na minha testa enquanto eu vomitava. Fui uma criança que vomitava muito.
19. A sensação de suor e calor infernal e, mesmo assim, me cobria com lençol nas noites quentes, por puro medo de que uma mão estranha qualquer me tocasse.
20. Sempre fechei o ralo do box do banheiro com um pano de chão por receio que a tal mão estranha me puxasse esgoto adentro e só resolvi isso aos trinta anos.

# CARTA VIII: DO FILHO PARA A MÃE

"Mãe, você é lindamente feliz e triste, tudo ao mesmo tempo. Adorei a lista. Hoje também não estou muito bem, estou ansioso por ter um nome. Pensou sobre Samuel?"

# CARTA IX: DA MÃE PARA O FILHO

"Filho, quando eu tiver você perto de mim... eu pensei em vários nomes, mas Samuel me veio na cabeça muito forte. Você sabe, tenho só quinze anos, mas Samuel foi um amigo da minha primeira infância. Ele era muito gentil. Eu me lembro bem do rostinho dele, bochechas rosadas e uma explosão de cabelos. Chamavam ele de Samuca, inclusive eu. Também gosto de Alisson, Pedro e talvez Arthur. Mas, pensando melhor, Arthur pode virar Arthurzinho, daí não gosto. Pedro vira Pedrinho ou Pedroca, que acho divertido, e Alisson é unissex demais, mas tudo bem. Se vier menina, penso em Júlia, Catarina, Amanda. Laura também é bonito. Como posso te amar tanto? Será que tenho algum tipo de doença psicológica?"

# IDEIAS QUE RASGAM TUDO, AQUI

"Um beijo. Acho que vou parar de assinar 'mamãe', se a minha própria mãe encontrar essas cartas, acho que ela me interna. Ela anda meio assustada com meu novo visual. Só uso camisetas de bandas que escuto o dia todo. The Cure, Pixies, Smiths. Também reformulei todo o meu quarto, pendurei correntes e um pôster gigante do Robert Smith. Tenho caixa de som, pedestal, microfone, e passo tardes no meu quarto com a Miriam, cantando mil coisas, sei lá. Ira, Legião, Titãs. Fiz uma mecha azul com papel crepom no meu cabelo e uso coturnos nos pés e saias indianas incríveis. Não sei por que, mas parece que finalmente encontrei minha turma. Leio e escrevo muito. Só beijei na boca duas vezes e mesmo com quinze anos ainda brinco de *Playmobil* e Barbie. É isso."

# CARTA X: DO FILHO PARA A MÃE

"Não faço ideia de quantos anos eu tenho, sempre que escrevo para você... na verdade, sempre que me escreve, acaba me dizendo quantos anos tem e isso é muito confuso para mim. Como não estou aí, ainda não descobri o sentido da vida, dá pra entender? É como se a minha vida, deixa eu tentar explicar, fosse vivida de outra maneira, como se meus instantes fossem congelados, só que ao mesmo tempo em movimento fluído. Às vezes acho você tão sozinha, mesmo quando está com amigos; parece que você não tem com quem compartilhar um lado seu, meio de loucurinha. Quando eu vejo você assim, quero lhe abraçar apertado. Você é bem 'chameguenta', né? Parece que quando lhe faltam palavras, você abraça as pessoas e algumas se incomodam com isso. Mãe, por favor, me queira logo.

Ass.: Samuel ou Júlia. Gosto de Júlia. "

# CARTA XI: DO FILHO PARA A MÃE

"Só queria dizer, mãe, que gostaria de ser alguém que de vez em quando se descontrola. Isso assusta? É que fico reparando que muitas pessoas são duras com você e na maioria das vezes, você produz dor de cabeça. Isso desde os seus nove anos. Como você mesma diz, nove anos de idade, nesse tempo contínuo que não consigo entender."

## Lembranças que arrebentam tudo

# CARTA XII: DA MÃE PARA O FILHO

"Filho, tenho quarenta e quatro anos de idade e sonhei com um barco naufragando. O barco representava meu pai. Eu estava tentando me salvar, mas não ia ter jeito. Não que eu fosse morrer ou me afogar, não ia ter jeito para o próprio pai/barco. E se eu disser que amo muito o meu pai, mas secretamente quero que ele morra? Sei que poderíamos ter uma conversa imensa sobre o amor, mas no momento só me ocorre a morte do meu pai. Desculpe. Com amor, mãe."

# CARTA XIII: DO FILHO PARA A MÃE

"Não posso me esquecer de jeito nenhum que não gosto de poesia e nem de poemas. Como vejo que gosta de escrever, sinto receio que deteste essa característica em mim. Aos poucos, vou me soltando. Já foram duas, hein? Quero, quando precisar, conseguir me descontrolar e não gosto de poemas, mas tenho um monte de coisas amáveis. Por exemplo, sou muito amável e meu humor me salva até mesmo do meu descontrole, veja que maravilha! Herdarei isso de você, o negócio do bom humor. Bom, né?

Ass.: 'nem sei mais'. "

# CARTA XIV: DA MÃE PARA O FILHO

"Parece que a ideia de ter você está cada vez mais longe. Respiro e penso nas possibilidades de como posso realizar essa empreitada. Desculpe chamar você assim, acho que estou obcecada por essa ideia. A vida aqui é um pouco confusa mesmo. Filho, gosto de lhe escrever, mesmo não existindo grandes novidades para dividir com você. É que, quando lhe escrevo, de alguma maneira as coisas tomam forma, passam a existir. Aliás, falando em coisas da vida, na maior parte do tempo em que eu passo acordada, fico tentando viver o tempo presente, assim o 'agora', mas é tão difícil não projetar os sonhos para o futuro. Não quero deixá-lo triste, só quero que saiba que você, de alguma forma, já vive no meu coração. Hoje aconteceu uma coisa interessante comigo, depois conto. Ah! estou com quarenta e quatro anos. "

# CARTA XV: DO FILHO PARA A MÃE

"Mãe, percebo daqui que o seu humor oscila bastante, você chora por qualquer coisa. Não quero desmerecer suas emoções, muito pelo contrário, você fica muito bonita quando chora... é que fico emocionado quando vejo você assim. Quero que preste atenção ao que vou dizer agora: Quando você dorme, seu corpo faz movimentos rápidos, você se vira pra lá e pra cá, suas noites são agitadas, tudo parece urgente. Calma, respire profundamente antes de se deitar, viva os seus quarenta e quatro anos de uma maneira leve, dance com esse tempo, ele só significa experiências vividas, aprendidas. Na realidade, nada disso realmente existe. Sei que hoje você vai acordar confusa, talvez sobre várias questões, mas mesmo que você não me conceba nessa sua vida, sempre serei seu filho."

# CARTA XVI: DA MÃE PARA O FILHO

"Estou com seis anos e uma das coisas que mais adoro fazer é tomar banho de piscina. Levo minha boneca junto sempre que posso. Claro que sei que ela é uma boneca, mas finjo que ela tem sentimentos. Cuido para não entrar água no ouvido dela e embrulho ela na toalha para ficar quentinha. Nasci para ser mãe."

Fim das correspondências celestiais, parte I

# INÍCIO DE IDEIAS INGÊNUAS SOBRE A VIDA E SOBRE SER MÃE

1. Nossas mães envelhecem. Mesmo que isso pareça distante, uma hora essa velhice chega e assusta.
2. O tempo passa rápido para algumas coisas e lento para outras. Geralmente para o corpo feminino é meio rápido.
3. Achei que engravidaria com trinta e cinco anos, mas isso não passou de uma vaga ideia.
4. Já planejei ter filho com um amigo, caso não achasse o pai que eu considerava certo. Horrível essa expressão: pai certo.
5. Comecei a amar meus bichos com quase a mesma intensidade que amo pessoas, por carência mesmo e também porque os animais doam amor incondicionalmente.
6. Por diversas vezes já pensei que estava grávida. Uma vez sentei no chão do box do banheiro, apalpei minha barriga, chorei de emoção. Meus mamilos estavam inchados e tudo, mas era alarme falso.
7. Nunca engravidei. Se engravidei, perdi e nem fiquei sabendo. Não entendo o motivo. Nunca fui atrás. Uma vez resolvi que faria uma produção independente, até comecei a tomar o tal ácido fólico, depois desisti.
8. Há nove anos entrei na fila para adoção, depois saí. Estava sozinha na época, mas me sentia pronta.
9. Ter ou não ter um filho sempre esteve em meus pensamentos e medos. Quando eu tinha dezessete anos, várias amigas da adolescência começaram a

engravidar, por falta de informação, acidente, coisas desse tipo. Aquilo me apavorava só de imaginar.

10. Fui vivendo, sofrendo e não sofrendo, fui perdendo a vontade, a profissão ganhava no quesito fanatismo *versus* dinheiro *versus* solteirice. Uma confusão.

# CARTA ÚNICA PARA O FILHO

"Não vou dizer minha idade. Não sei mais o que significa o tempo. Cada vez que me olho no espelho vejo uma coisa diferente. Tenho um corpo de criança, minha lucidez me sufoca e por onde passo os olhos sinto que sou uma alma antiga. Sou uma mulher muito jovem e velha.

Sou mãe de cachorros, sou minha mãe também, agora. Mãe de alguns amigos. Alguns deles já se foram, pegaram o trevo da estrada para outras direções e muitas coisas se modificaram em mim. Sou casada há sete ou oito anos, nunca sei.... Finalmente achei o pai certo, rs. Meu nome é Sarah, sou a mãe do Samuel ou da Júlia, como disse antes, mãe de bichos, minha, mãe da avó e da minha própria mãe. Lavar a própria mãe, se é a mãe já é a 'própria'. O corpo de setenta que não trabalhou muito fisicamente, mas ainda tem um belo formato. Cintura fina, coxas delineadas, uma leveza tão bonita, minha mãe. Ela não pode mais dirigir, nem conversar com nexo, não sabe que blusa é uma peça de roupa; essas coisas bobas do dia a dia ela não sabe mais. Escolheu assim. O corpo nu da minha mãe é dilacerante. A púbis dela, os pés que tanto conheço, inclusive que na planta do direito tem uma pintinha e no tornozelo esquerdo um gatinho tatuado que fizemos juntas. Como se enxuga uma mãe? As rugas na barriga flácida, os braços molengas de quem muito desenhou. Como ensaboar uma mãe? As frases desencontradas durante o banho, nunca foram tão amorosas. Agora passa os dias colorindo esses livros de desenhos e é muito devotada ao meu pai. Mas é sobre ela que estou falando. Machucada, estéril, fétida, limpa e meiga. Eu de mãe de mim tenho me saído, eu diria, mediana. Ainda estou aprendendo a me amar. Pouco vaidosa, para pertencer a essa 'Era', meio dispersa no quesito físico; canso de me sentir cansada por

não me permitir cansar. Hoje chamei por diversas vezes um dos meus cachorros de filho, porque eles dependem de mim e são seis. Vou me assoviar filha também. Filha! Filhinha da mamãe, filha, filha, filha. Sou filha e mãe. Como já disse, mãe de bichos, amigos, vó, mãe e de mim mesma. Se é de mim é de 'mim mesma'. Escrevo numa folha de papel a palavra 'filho', depois escrevo "filha", mas é a palavra "mãe" que me deixa absorta e, assim absorta, caio em mim e me escapam ideias, me fogem frases para dizer.

Então, um golpe súbito de ar que entra pela janela da sala, mesmo estando fechada, me enche de coragem e digo: 'Ainda não sou sua'".

# SAUDADE DE SER O QUE NÃO CONSIGO

## Carta única para a mãe

O tempo não existe
Você é mãe de todos
Eu espero e não espero
Nada existe, tudo é ilusão
Nos amamos
E isso sim é real
O amor em mim
Ass.: teu filho

# A VIDA DE SUNNY

## Onde mora a coisa

Ela faz com força, gosta de se machucar. Ela come a coxa de frango engordurada, pega com a mão esquerda e não limpa os pedaços que caem no piso da sala. Ela ri alto de alguma coisa que passa na televisão. Com a outra mão ela empurra um frasco de desodorante *roll on* para dentro e para fora. O gemido de prazer se confunde com os gritos frenéticos de mulheres do programa de auditório. Isso sempre se repete. Fico muito enjoada e ao mesmo tempo com fome. Ela é loira, pintada, tem cinquenta e quatro anos, nunca usa roupa de baixo; é vulgar, é bonita, tem estatura mediana, está sempre maquiada e de vestido curto, tem uma porção deles. Suas pernas são musculosas, corpo esguio, pulseiras plásticas, brincos plásticos. Não sei seu nome. Ela é minha mãe.

Aqui, no armário da sala, há uma fresta de uns três centímetros de altura e os pratos com restos de comida. Ela passa por essa fresta. Minha mão é pequena e quase não consigo erguer o prato. Como igual um cachorro come. Sempre tem farelo de pão, arroz, pedaços de legumes e água, tudo bem mole e boiando. Recebo o mesmo prato duas vezes por dia. Ela sempre me manda calar a boca e diz que só receberei a segunda refeição de noite se não fizer nenhum barulho.

Meu braço está cheio de hematomas, para não chorar alto acabo me mordendo. Ela é minha mãe.

A sala tem um aparelho de tevê sobre uma mesa alta perto da parede, que é verde. Tem uma poltrona de corino marrom desbotado bem em frente, um sofá amarelo com uma manta colorida sobre o encosto. Uma mesa pequena entre a

poltrona e o sofá, cheia de garrafas abertas de cerveja e um cinzeiro de vidro bem grande com velhas bitucas de cigarros. O lustre da sala é de três lâmpadas e um ventilador sai disso tudo e faz um barulho repetitivo. A janela fica ao lado da porta de entrada da casa e o vidro é martelado. A cortina é de renda encardida e está sempre fechada. Até onde consigo ver, tem outra porta estreita que vai para a cozinha. Ah, o chão é com tacos de madeira escura, não tem tapetes, nem enfeites e uns tacos descolaram próximos da porta de entrada. O interruptor de luz é pintado de verde para combinar com as paredes e, perto do rodapé, está descascando a tinta da parede. O teto é todo mofado e nos cantos há teias de aranhas que sempre moraram ali. O armário fica na parede oposta da janela de vidro martelado. É de imbuia, tem mais ou menos uns trinta anos. O cupim não ataca porque a madeira é tratada. O modelo tem três gavetas grandes e duas pequenas. Fico na parte de cima. A fechadura é reforçada e sobre a fresta, já contei. Se faço movimentos bruscos ouço estalos na parte de trás do armário, mas é bem pregado e seguro.

# AULA DE *BALLET*

Dou tantas piruetas que fico tonta. A professora de *ballet* pede que eu olhe para minhas mãos. São pequenas as minhas mãos, ainda sou nova. Acho que tenho oito anos. A barra de ferro da sala de aula tem dois níveis, só alcanço a primeira. Pliê, Gran pliê, primeira posição, segunda posição, envelopê! A professora é muito doce, a voz é enérgica e ao mesmo tempo macia. "Olhando a mãozinha, Su!". Faço tudo como ela pede. A sala de *ballet* é o lugar que mais gosto. Das minhas mãos não gosto, são muito magras com veias azuis e saltadas. O chão é de tábuas largas de madeira, mas por cima tem linóleo preto e bem lustroso; os dois espelhos são imensos e vão até o teto, luzes âmbar por todo o céu. Digo céu da sala. A música é suave e quem toca o piano eu não sei. Não sei quem faz a música e nem de onde ela vem. Olho por tudo e não consigo descobrir. Atenção nas mãos, Sunny! O piano com acordes que desconheço, as luzes amareladas no céu do teto, a sala que cheira a *drops* de morango, olhar ao redor. Visto um *collant*, um casaquinho de lã transpassado na frente, meia-calça, polainas e sapatilhas, tudo rosa-claro. Nos cabelos, um coque bem no alto da cabeça. Fico desconcentrada às vezes, faço as aulas para me distrair, mas não quero ser uma bailarina de verdade.

Olhando para o espelho agora, eu me perco nos passos, percebo que não são mais aquelas mãos... as unhas sujas, com cascas de pele seca, dedos magros, comidos até a carne, transparentes. O som virou outra coisa, eu me perdi na dança, nos exercícios, a voz da professora não é mais a mesma, virou a voz da mãe: "Cala a boca, cadela! Cadelinha, se não parar com esse barulho, te esfolo viva!" De repente acho que a mãe está certa quando grita "viva"! Ainda estou aqui, sinto dor nos pés de tanto esmero que tenho ao esticá-los assim, fazendo

a ponta. Eu queria escrever mais coisas sobre o *ballet*, sobre isso tudo, eu queria ser poética e alongar mais esse assunto, infelizmente já disse que ando em devaneios, desconcentrada, sem foco, não consegui. Voltei a viver, então.

Foi empurrado para mim outro prato de comida, o ruído da louça arranhando a madeira. Eu não tinha percebido ainda, estava ocupada dançando.

Tenho a sensação de que meus olhos são arregalados porque sempre quero enxergar melhor. Estou tão cansada, fico de quatro e lambo o prato, como tudo, até os pedaços de chuchu. Quando acabo a refeição da noite, empurro o prato de volta pra ela. Novamente o ruído da louça arranhando a madeira, ela pega bruscamente o prato. Ela, que é minha mãe.

Preciso obedecer a muitas regras aqui, principalmente quando chegam os homens. Geralmente vem um por vez, mas já vi mais de um. Já deu briga com garrafadas e as manchas de sangue no sofá ainda não saíram.

# LISTA DE REGRAS

Não vou listar absolutamente nada, sei todas de cor e chumaços de cabelo tenho perdido por elas. Algumas regras eu mesma me imponho. Por exemplo, essa de arrancar meu próprio cabelo é uma delas, já se foram dois dentes também.

# SOBRE ARRANCAR O PRÓPRIO DENTE POR NÃO SABER MAIS SENTIR DOR

"Um dente que voou
Só
Pelo céu azul
Pensando bem
Sozinho como eu
Brilha agora bem longe
Estrela orbital que me acompanha
Uma vez já morou
Em outro céu
No da minha boca"

# ENTENDI UMA DAS REGRAS

Dançando *ballet* de piano clássico eu me olhava no espelho ao lado da bailarina professora, alta e adulta. Nós duas refletidas ali. Tão bonitas, nós duas.

Nessa noite exaurida da aula, dormi com um tantinho do meu dedo pra fora da fresta. Acordei sem ele. Desobedeci, falhei. Perdi a ponta do dedo. Desmaiei de dor.

# A ROTINA QUE NÃO É

## O sonho que não é do carro que passa

Sou infinitamente pequena para essa poça de sangue. Não sinto minha mão direita. Nada eu sinto. Acordei afogada aqui, numa gosma molhada de coágulos meus. A luz é pouca aqui e choro pra dentro. Meus olhinhos virados pra dentro também. Isso que choro, nem chamo mais de choro, faz parte do meu despertar. É abafado e tão molhado que nado em mim, com braçadas de quem nunca chegará ao outro lado.

Espiando, vejo um homem entrar pela porta da sala; nem tocou a campainha, nem nada. Ele tem barba, usa um boné *jeans* virado pra trás, veste uma camisa amarela surrada e uma calça cinza. Com muitos pelos nos braços e mãos enormes. A pele do rosto é avermelhada e a boca parece inchada. Carrega nas mãos duas garrafas de cerveja, bebe um gole babado e entrega uma já aberta para a mãe, que o recebe com a língua pra fora. Os dois se beijam dessa forma, ele a chama de "docinho". Eles se lambem e riem muito e bem alto. A mãe veste uma saia curta de cor verde-limão e apenas um sutiã preto. Usa os cabelos amarados no topo da cabeça, brincos de bolas douradas e unhas vermelhas, dos pés e das mãos. A "docinho" liga a tevê, acende um cigarro e passa para o barbudo que se sentou no sofá e arriou as calças calmamente. Ela olha disfarçando para meu armário e enxerga o sangue que escorre para fora, por tudo, pelo chão. Corre até a cozinha enquanto conversa amenidades consigo mesma, corre de volta para a sala com um pano de limpeza embebido em álcool e limpa a poça vermelha.

Depois da limpeza, joga o pano sujo por ali. O barbudo olha atento para a tevê, nem repara nos movimentos da mãe. Então ela para em frente ao homem tapando sua visão para o programa que ele estava assistindo. Ele a puxa violentamente pelo braço obrigando-a a ficar de joelhos, ela reclama do modo estúpido dele. Ele não gosta e a esbofeteia, a xinga de puta suja, verme imundo. Ela rebate e logo em seguida se beijam sofregamente, daquele jeito, com as línguas para fora. Ele geme alto. Ele acende outro cigarro enquanto ela faz sexo oral nele, bem forte ela faz, tudo é bem forte. Ele diz para a mãe que se ela o machucar, ele a esgoela.

Começo a cantarolar de tristeza, uma coisinha assim:

Eu te esgoelo
Mesmo você sendo esguia
Sou capaz de te dar
Tesouradas no ar
Cortar sua nuca
Vazar teu calcanhar
Enquanto você
Doce mulher
Cai e cai

Ela diz que nunca faria isso e em seguida morde o pau dele com força. Ela salta para trás e quebra uma garrafa na mesa e ameaça o homem. Diz que se ele não sumir dali ela cega seu olho num só golpe. Ela abre a gaveta do meu armário e tira uma faca de cortar carne, bem grande a faca. Ele junta as calças do chão, uiva de dor, feito um lobo velho e bêbado e sai da casa cambaleando e chamando a mãe de cadela, como ela me chama. Bate a porta com tanta força que o lustre treme e quase cai no chão. Encolho-me bem atrás da porta do meu armário. Um caco de vidro verde veio parar aqui. Ganhei a pequena joia, pensei! E é bem afiado, vou usá-lo de diversas formas! Uma euforia toma conta do meu corpo e começo a me desafiar com mil ideias!

# AUTOMUTILAÇÃO ILUMINADA

Penso em riscar rios em mim. Rios cheios de águas minhas, mas onde desaguariam... não sei.

Ela tranca a porta meio tonta, aplausos na televisão, arrasta a poltrona até a porta da entrada para se sentir segura. Grita sozinha olhando para o alto. Velho porco! Tropeça, cai, corta os joelhos, berra mais, até vir a rouquidão.

Risco aqui, da virilha até a coxa, minha coxa magra e branca. A veia aberta e azul faz escorrer um quente em mim. A mãe reclama de dor e vai para o banheiro, abre a torneira fria. Eu adorando a sensação, a luz entra pela fresta e deixa tudo prateado.

Eu, lua, ela, vermelha...
Eu rio
Ela, pasto
queimado
Eu tranquila
Ela, desvairada e nua na
pia
Eu rio dela
Ela, rio de águas no
cano
Azulejo amarelo
Meio longa a perna da mentira
Gole de luz
Que aperta a boca e não serve pra nada

A mãe faz um curativo com mertiolate, gaze e esparadrapo. Logo pensa alto o que vai fazer com Benzinho... Ele virá amanhã. Os joelhos daquele jeito, feito rosa aberta, cortes fundos como um poço sem fundo.

Eu aqui com meios veios de rio, feliz por hoje, muito feliz. Eu me guardo bem de lado para não perder mais nada, me espremo bem forte até ficar ainda menor e fico na espera do prato da janta que demora muito, mas chega. Ela me manda calar a boca, me manda dormir, grita que sou cadela vadia, inferno da vida dela, apaga a luz da sala, baixa o volume da tevê e sai. Faço a refeição no breu total, estou acostumada. Dessa vez veio sopa de ervilha rala e um pedaço seco de pão dormido. Lambo o prato e guardo o pão pra depois.

A madrugada chega, perco o sono. A luz do poste da rua invade a sala e reflete um fio luminoso da espessura de uma linha de costura... vem bem direto para os meus olhos como uma navalha que corta minha íris; e desperto. Sempre me lembro de onde estou, onde moro e há anos a sensação ao acordar é o pânico, então respiro fundo várias vezes e peço ao meu corpo que desmaie. Vamos desmaiar juntos, eu peço: por favor, por favor, por favor.

# AULA DE ESCREVER

Seguro o lápis com firmeza depois de sentir bem intensamente o cheiro da madeira. Tenho muito orgulho da letra que vai saindo redonda no meu caderno de caligrafia. A professora Ana ensina que a "perninha do a" faz assim. Ela cheira a perfume de maçã verde, veste um abrigo marrom com listras amarelas do lado, usa uma espécie de avental xadrez por cima. Na frente tem um bolsão cheio de lápis de cor e canetas e às vezes ela descansa suas mãos nele. O cabelo castanho-escuro tem um corte curto esquisito, desses que a pessoa corta ela mesma. Usa óculos de armação quadrada, tem a pele morena-clara, não usa nada de maquiagem e é muito bonita. Acho que Ana gosta de mulheres. O nome dela é bordado nesse avental: Ana Eloísa.

Ela costuma me estimular a escrever poesia, insiste em dizer que sou boa nisso. Sempre rio, porque acredito que nada que faço é muito bom, realmente não concordamos. Ana fala tanto sobre isso que resolvo me arriscar logo em duas de uma só vez. Nem sei se são poemas, professora, digo, meio tímida. Leio em voz alta e ela pede para eu repetir. Repito baixo e lentamente. Ouço a respiração dela e eu... parei de respirar. Ela de olhos fechados me escuta, me abraça forte, me estimula.

"Para que escute o som
Que sai da boca
É preciso pedir um favor
Ao coração
É preciso pedir com veemência
E sarcasmo:

Pare um pouco essa
Palpitação, Senhor meu!
Não é só você que manda,
Existem outros órgãos também!
Magoado ele para
E de uma só vez.
Passo a viver friamente
Mas com voz alta e clara
Nesse outro lugar,
Chamado
Céu."

E a outra:
"Para você desconhecida quase amiga
Que de tão diferentes pensamentos
Nos tornamos de alguma forma iguais
Você nem imagina o quanto te entendo
E quanto senti inveja da tua coragem.
Tão maior e mais linda que eu
Você foi morar nesse buraco cinza.
E eu pensando
Na verdade bem parecido,
Continuo aqui
Quem tem mais sorte,
Não sei,
Nunca vi."

# O TEMPO E O VESTIDO

As horas vão passando, dia a dia, mês a mês, ano a ano. O tempo é ruim pra mim. Eu como muito pouco, como quase nada e tudo em mim se transforma em água, mas uma água malcheirosa, nem sempre diária. Esse líquido que produzo virou uma segunda pele, de três em três dias a mãe joga pela fresta um esguicho de desinfetante com odor fortíssimo e joga tanto que por diversas vezes me ardem os olhos e escorre pelas frestas fazendo um rio de substâncias pela sala. Isso a faz praguejar alto, altíssimo, me sinto suja e sem esperança toda vez. Sonho então com um belo banho de chuveiro para levar todas essas coisas más de mim, talvez eu mesma, pequena e fininha saindo, fugindo pelo ralo do box do banheiro, me transformando em água limpa e perfumada, sem rosto, nem corpo, nem nada, fluindo com outros rios de outras meninas que também viraram essa água. Então as águas fariam amizades lindas e juntas, na correnteza, até virarem mar e banhar outros corpos e limpar tudo.

Meu vestido rasgou há anos, um único vestido branco, esses que parecem de noiva, mas de criança, com rendas nas mangas e laço de cetim na cintura. Hoje viraram trapos amarelados em torno do corpo. Vejo meu tronco, principalmente o tronco como parte destacada de mim. Cresci torta aqui, aliso assim, meus pés e os sinto envergados para dentro; um osso me salta nas costas e a cabeça é para um lado, cai dependurada.

Mas não sou um monstro, tampouco a tal cadela que a mãe me chama. Quem sou então? Sou uma linda mulher, sim, já sou moça crescida, já sangrei sem que fosse com o caco de vidro verde, já estou invadida de uma "adultice esquizofrênica". Vejo meu corpo todo nesse espelho da cabeça e concluo que sou incrivelmente bela e triste.

Digo à professora Ana que meu prazer pela escrita é tão imenso que meu caco, que chamo de Esmeralda de escrever, está gasto. Todos os dias já acordo relatando minhas memórias nas paredes, no teto, no chão desse lugar, que é meu planeta. A letra que vai saindo é tão pequena e espremida que poderia chamá-la de, não sei bem, algo como os hieróglifos, mas com sinais que só eu entendo.

Vou criando uma linguagem única no armário do horror, mesmo sabendo desenhar letras perfeitas, mesmo a professora Ana sendo boa pra mim; ainda assim, inventei um modo de escrever todo defeituoso com vícios e dores e talvez alguma beleza.

Quando explodirem as paredes me tornarei escritora! Converso com Ana sobre esse assunto, ela sempre me manda repetir meus sonhos para ela para firmar bem na cabeça e depois transcrevo todos eles com meu estilo.

Às vezes leio em voz alta e não gosto das pausas que dou, me afogo, me atrapalho, mas Ana gosta de tudo que faço. Criei uma personagem, disse para ela e fui aplaudida com muito entusiasmo! Ana ficou tão animada só de saber sobre isso. Pediu que contasse mais. Minha personagem, a personagem do meu romance, se chama Esmeralda, em homenagem ao meu caco de vidro verde. Vou ler devagar desta vez, com atenção redobrada e o espírito livre.

## "Um vestido para Esmeralda

Esmeralda diz que dói seu peito, não para de reclamar de angústia! Esmeralda chega a ser cansativa em casa, ninguém mais aguenta tanta reclamação!

Numa noite de gritos agudos, ninguém mais conseguia dormir, a irmã de Esmeralda teve uma ideia!

A irmã veio perguntar: 'Esmeralda, onde dói exatamente?'

Esmeralda pôs a mão no peito com a boca aguada e os olhos tremendo.

A irmã se trancou no quarto e trabalhou incansavelmente a noite toda, todos os gatos da casa sobre seus pés e velas acesas.

Às sete horas da manhã a família estava curiosa para saber o que a irmã tinha feito trancada a noite toda, cheia de gatos e velas acesas.

Então ela pôs a cabeça para fora do quarto e disse: ´Só quero ver Esmeralda´

Foram chamá-la.

Esmeralda veio, muito fraca e cambaleante, feito pessoa que bebe...

A irmã tapou seus olhos e contou até três e quando abriu, lá estava!

Sobre a cama, um lindo vestido azul bem claro, que é a cor que Esmeralda mais gosta! Elas ficaram tão comovidas que a angústia de Esmeralda se foi e ela finalmente pôde sair de casa sem dor."

Ana Eloísa sentiu muito orgulho de mim e disse que Esmeralda sou eu e ela a irmã. Mas definitivamente não acho isso. Esmeralda tem olheiras suaves, anda de forma ereta mesmo quando sente dor, é de certa forma solar apesar de toda a angústia que mora em seu peito. Também é mandona e tem ideias retrógadas. Ainda estou criando minha pequena menina, pare de fechar conceitos sobre ela, digo à professora mais que entusiasmada! Para mim, por enquanto, Esmeralda é só uma quase-amiga imaginária que fica no canto oposto deste lugar e me olha com uma certa empatia. "Sendo assim, só posso concordar", diz Ana. E rimos as duas de nossas conversas.

# RISADAS E MAÇÃ

Vou enfiar uma maçã inteira na sua boca e te assar no forno como uma porca nojenta se não parar de rir agora! Você enlouqueceu! Sinto medo de você, criatura insana, rindo sozinha feito louca!

A mãe grita essas coisas enquanto descasca uma maçã com faca de serrinha. Ela se aproxima do armário e cospe uns pedaços da fruta pela fresta.

Rapidamente me despeço de Ana e cato os pedaços. Sem dúvida é o melhor gosto que já senti na vida, mesmo sendo cuspido e espicaçado. É o melhor de todos!

A mãe promete que me dá uma maçã inteira se eu ficar muda e sem me mexer enquanto ela recebe Benzinho.

Bato duas vezes na porta em sinal de concordância. Em seguida, Benzinho chega, quase batemos "nossas portas" ao mesmo tempo. Esse é todo educado, formal e tudo. É magro, alto, cabelo molhado com gel repartido de lado, seu cheiro de água de barba empesta a sala e me retorce o estômago. Ele pede calmamente que a mãe fique sem falar absolutamente nada, desliga o aparelho de tevê, o ventilador, tudo ele desliga. A mãe já calada, com cara contrariada se vira de costas como ele pede, olhando para a janela. Ela obedece achando tudo aquilo um tédio sem fim. Ele fica de pé bem atrás dela, cerca de dois metros, olha tudo minuciosamente, o cabelo da mãe meio oleoso na raiz cai fino até os ombros, o vestidinho de malha surrado azul-marinho lambe seu corpo até as coxas. As pernas estão bambas das histórias vividas ontem, tem uma mancha escura na panturrilha direita e curativos desajeitados nos dois joelhos. Os pés com singelos joanetes adornados com tornozeleiras de olho grego na canela esquerda. Após uns dez

minutos ele pede que ela tire os esmaltes descascados dos pés e mãos. Ela obedece, ainda muda, como ele pediu. Agora sim, ele diz quase sussurrando. Tira tudo, Benzinho ordena, ela cumpre. Ele a manda continuar sempre de costas, ela continua, assim, assim. Ele se ajoelha no chão úmido, ela apoia as mãos no beiral da janela para coçar com o pé, a coceira de alguma picada. Ele não gosta e reforça o pedido para que ela fique imóvel. Ela murmura algo, mas fica. Ele se deita sobre uma esteira no assoalho, que já estava armada para ele, deita a cabeça numa almofada encardida e tira seu pau pra fora, só o pau, duro e vermelho. Olha a mãe parada com baba nos cantos da boca e goza um jorro lento e denso. Ela pergunta se já acabou. Ofegante, ele responde que sim e pede que ela traga a toalhinha dele. Ela vai buscar saltitante, dizendo que está lavadinha a tal toalha. Ajoelha e enxuga o pau vermelho com cuidado, como se fosse um filhote de passarinho machucado. Benzinho se apruma todo, pede uma aguinha da boa, ela traz da cozinha um copo fresco retirado do congelador, ele bebe tudo, tira um dinheiro do bolso da camisa e coloca sobre a mesa pequena. E conta que logo mais terá um encontro com uma possível namorada, a mãe faz gosto, diz que ele merece alguém, que é um homem muito bom, mas se preocupa porque irá abandoná-la. Ele sorri e pergunta quantas toalhinhas comprou e deixou com ela. Ainda tem cerca de quarenta, ela responde; sendo assim, venho pelo menos mais quarenta vezes, minha linda, ele diz.

Ela limpa a babinha da boca de Benzinho, que, sem encostar na mãe, vai embora. Ela fecha a porta, passa a chave e o xinga de otário, maluco. Junta a toalha com os dedos do pé direito e joga no lixo do banheiro.

Bato discretamente uma vez na porta do armário e ganho a tão sonhada maçã que, dessa vez, vem inteira pra mim.

# MEU POEMA INSPIRADO NO GOSTO DA MAÇÃ E ESMERALDA

Parece que vai virar areia
Mas não
É só a sensação parecida
É verde claro o interior
Vermelho o outro lado
Esfrego no corpo a casca lustrosa
Cuspo o cabinho
Aspiro bem fundo
O perfume dela

E a outra:

Esmeralda não gosta de maçã
Me olha de rabo de olho
Recrimina esse meu gosto
Mela as mãos, ela diz baixo
Mas limpa os dentes, replico
Mas se mastiga fazendo barulho
Mas é um barulho bom, replico
Mas o gosto é insosso
Isso é de cada um, replico, e tapo os ouvidos.

# AULA DE CANTO

A penumbra é muito cansativa porque sinto sono permanentemente. Tento cantarolar, mas minha voz não sai, não sai nada, porque minhas cordas vocais estão ressecadas, vão se partir no meio de tão esturricadas. Forço um choro para aguar meus lábios partidos de sede. Olho pela fresta e a vejo se masturbando e fumando muito.

Sem avisar, sem marcar hora, outro homem chega, entra de supetão, sem bater na porta nem nada. Avista a cena e monta nela com entusiasmo chamando-a de égua. É Henrique, seu namorado. A mãe ri alto e imita o relinchar de um cavalo. Ele bate em seu traseiro e puxa devagar seus cabelos dizendo: "égua boa, minha égua". A mãe se derrete nos braços de Henrique.

Nesse momento, minha professora de canto chega com uma jarra de água fresca pra mim. Adoro essa aula, porque Sky trabalha num teatro e temos o palco todo só pra nós. Ela regula o microfone na minha altura, limpa a lágrima dos meus olhos com o dorso da mão e me oferece um copo cheio. Bebo tudo num só fôlego e respiro ofegante. Sky disse que não assim, que é melhor aos goles, aos poucos. Fico um pouco envergonhada pelos meus maus modos. Vamos de francesa, hoje? A professora Sky me pergunta enquanto me sirvo sozinha de outro copo com água.

Tenho medo de envelhecer aqui, Sky, olho para os meus pés e mãos e não quero que eles cresçam, mas estão cada dia maiores, o que eu faço? Querida Sunny, você já é moça, é tão bom crescer... eu, por exemplo, já sou mulher grande e gosto muito de ter a idade que tenho. Queria ter a sua sorte, eu digo, sua pele, seus cabelos pretos, até suas pintas eu queria ter, Sky. Eu queria ser você! Mas cada um é o que é, Sunny, eu te acho

tão linda e branca como um lençol estendido e limpo, a tua voz é pura, você canta com a alma, os teus cabelos longos e ruivos me emocionam e só isso importa agora. Embalada pelas palavras da professora eu começo a cantarolar uma melodia indefinida, sem fazer aquecimento... Sky me repreende com o olhar, mas deixa passar. Ela arruma minha postura com pequenos toques, levanta um pouco meu queixo, prende meus cabelos atrás das orelhas e começa a cantar baixinho junto comigo, a tal música inventada.

Sky é muito especial pra mim, é a professora com quem mais tenho afinidade, que as outras duas não me escutem. Já me arrependi de escrever isso, mas é verdade. Para Sky tudo é fluido, ela sempre elogia com lucidez e nunca se esquece da água, que traz sempre na mesma jarra de vidro. Chego a sonhar com a aula. Apesar do seu nome ser Céu em inglês, ela é a pessoa mais consciente com que convivo; ela enxerga as coisas de forma prática, objetiva e sem frescura. Gosto do modo como ela conduz as aulas, nunca deixando que meus devaneios sejam maiores do que o canto que faremos em seguida. Quando a música chega a mim, sinto no corpo todo, e, mesmo fraca, como agora, ela passa como um alimento, nutrindo meu sangue, meus órgãos, meu espírito.

Linda! Que voz linda, impecável, ela diz, impecável!

"Sem pecado
Sem pecar hoje
A voz sai alta
Com as cordas partidas
De amor por você
Que
Com seu olhar de navalha
Cortou em mim
A esperança "

Aos quinze anos, eu me sinto totalmente apaixonada pela minha professora de canto, que me admira pela minha voz sem pecado. Aos quinze anos, presa e impecável. Aos quinze anos, virginal e cantando sem parar dentro da cabeça. Aos quinze anos, quase dezesseis.

# HEN RI QUE

O namorado passou cerca de três dias com a mãe. Durante esses dias, toda vez que ele entrava no banheiro ou dava saídas rápidas, ela me alimentava e me ameaçava com um furor ímpar. Se por um acaso eu fizesse algum barulho, por menor que fosse, ela jogaria álcool no armário e atearia fogo. Eu ficava imaginando a minha pele derretendo, os ossos finalmente aparecendo como merecem, todo o meu cabelo virado em carvão.

Noite passada, Henrique começou a procurar um abridor de garrafas e chegou muito perto do meu armário para procurar o tal objeto. Foi interceptado pela mãe que veio desvairada da cozinha com o pano de pratos sobre os ombros e gritou que ele não encostasse no armário. Por um segundo, eu me vi caindo para fora, me enxerguei livre, esparramada no chão úmido, sempre úmido. Cheguei a sentir o cheiro do ar, a temperatura real das coisas. O namorado não entendeu nada e a seguiu assustado com a reação dela, quase agressiva, que inventou que o armário estava enfestado de cupins e que ela tinha colocado veneno por tudo. Espiei pela fresta, Henrique olhou duas vezes para trás.

# ESMERALDA

Ela me observa de forma severa agora. Disse que perdi a chance de gritar, de soluçar, de fazer algum ruído, rápido que fosse. Respondi que não confio em Henrique, que não quero virar cinza de mim mesma, que isso me apavora. E como minha amiga só entende as coisas quando escrevo, usei meu caco:

"Aspirando duas vezes profundamente
Dentro do meu corpo
Tudo será em vão
A fumaça sufocada da minha dor
E todas as aulas que ainda me restam
E as músicas que quero cantar
E as ondas de algum mar que quero dançar
E as palavras que quero pintar aqui
Tudo ficará no porvir.
Não, pó de mim,
Não.
Se esse homem me descobrisse
Eu não conseguiria rapidamente
Um manto de amianto
Esmeralda, Esmeralda,
Nem você mais existiria."

# O ENSINADOR DE COISAS

Acordei nua, deitada num sofá de veludo vermelho e gasto nos braços. Estou com um belo corpo hoje, meus cabelos estão limpos e são longos e fartos. Ainda estou sonolenta. Penso que Esmeralda me faz companhia, penso que ela adoraria este sofá e talvez também ficasse nua comigo e ficaríamos reparando nas nossas marcas de nascença e pintinhas. Quase sinto o toque de seus dedos quando avisto um homem de mais ou menos cinquenta anos. Ele se aproxima lentamente de mim. Ele tem a barba por fazer, é bonito, usa camisa xadrez aberta nos punhos e na frente. Com uma das mãos ele apaga o cigarro na própria calça e com a outra ele mexe no pau. Então ele se ajoelha a meu lado, não sinto medo nem nada, ele se curva perto da minha orelha e diz baixinho: "Oi. Eu sou o Ensinador de coisas". E em seguida sorri com o canto da boca." O que você quer", eu pergunto, mas acho que já sei. Ele coloca a língua toda para fora da boca e pede que eu faça igual, ele pede: "Faz assim, igual, faz, faz pra mim". Eu faço igual. Ele encosta a língua dele bem na pontinha da minha e me pergunta "Você quer que eu te ensine a beijar?" Eu respondo que sim com a cabeça, ele me beija, ele segura com força a minha nuca, eu tento aliviar um pouco essa pressão, não consigo e desisto. Ele começa a lamber meu pescoço, ele baba feito um doente mental; eu gosto, ele passa a língua pelos meus seios, que são bem pequenos, e quando chega perto da barriga ele tira a calça rapidamente. Eu me retorço toda no sofá. Ele então abre as minhas pernas e segura seu pau, ele encaixa em mim e faz com força, eu grito sem som algum, não sai nada da minha boca. Ele jorra seu líquido na minha barriga, minha visão fica turva, ele se deita inteiro sobre mim, tem um suor no peito dele que invade o meu, ele faz

um carinho do lado do meu rosto, ele está nu ainda; ele veste as calças e a camisa, sem abotoar nada, acende um cigarro com um isqueiro amarelo e pergunta se eu gostei. Estou na mesma posição, não consigo responder, ele me oferece um cigarro e eu, estática, fecho os olhos e durmo.

“Aos quinze aprendi
Que um homem, mesmo não
parecendo, me amou
Num sofá imaginário qualquer
Qualquer homem,
Não importa
E senti uma dor única
De felicidade.
Aos quinze, minha
primeira
Dor verdadeira.
Dormi no chão
Sentindo a falta
Que ele não me faz.”

# O SUSTO DE ESMERALDA

Esmeralda viu tudo de um canto obscuro do quarto. Todos os cantos são obscuros. Esmeralda com seu vestido novo me olha assustada. Me reconheceu mulher, agora. Esmeralda verde e estupefata, com inveja de mim, com muita inveja, pobrezinha.

# O NAMORADO

Na madrugada da terceira noite, Henrique se levanta bem devagar, após beberem, ele e a mãe, um garrafão de vinho barato, desses com alça plástica e tampa de cortar. Ele se aproxima sôfrego do armário, se sente tonto da embriaguez, vem se apoiando pelas paredes, igual essas pessoas que fogem de ladrões e se equilibram em parapeitos de prédios altíssimos e nunca caem. Não acende a luz para não fazer alarde, veste só uma cueca branca encardida. Ele se agarra no armário para não cair, abre as gavetas, as duas portas de baixo e não encontra nada. Então ele força a minha porta, estou encolhida num canto, também obscuro, sem respirar. Ele espia pela minha fresta, ainda sinto um hálito forte vindo dele. Ele tenta abrir a porta com as duas mãos, então vê o cadeado e grita "droga!", ao mesmo tempo que grita, a mãe o golpeia com um jarro de vidro que se quebra na sua cabeça. O namorado cai, zonzo, um filete de sangue jorra do supercílio. A mãe, desesperada, tenta reanimá-lo, ele desmaia de bruços. Ela corre até a cozinha para buscar um pano para estancar o ferimento, ele, imóvel. Eu, sem ar. A mãe grita coisas desconexas. Eu, já mulher feita. Esmeralda invisível. Ela retorna para perto dele, chora. Ela o ama. Ela o vira de barriga para cima com muito esforço, porque ele é um homem grande. Num golpe genial, ele rasga sua coxa com um pedaço de vidro que escondia na mão. Ela fora de combate. Eu, de olhos fechados; eu livre.

# POLÍCIA E ESMERALDA

A mãe agora é levada com algemas e muito sangue numa ambulância, sem falar nada. Seus olhos parecem de vidro e sua pele um fino papel. Henrique conversa com dois policiais, ele está envolto num cobertor e segurando um pano ensopado de pomada sobre seu ferimento.

Carros de reportagem não param de chegar lá fora. Fotógrafos, jornalistas, vizinhos e peritos entram e saem da casa. Meu armário escancarado, o cadeado arrombado no chão vermelho da briga. Me enxergo tão grande e pequena ao mesmo tempo, tão magra. Estou feito um novelo no canto direito, tenho falhas de cabelo, apesar de muito longo e liso. Meus lábios são sem cor e rachados, estou nua, com poucos trapos em torno da cintura. Coitados dos meus pés! São tortos pra dentro e minhas costelas são expostas. Olha! Realmente tenho seios minúsculos e vejam só, tenho pelos pubianos. Ser mulher é ser forte. Vendo de longe, eu me acho até bonita. Tem umas dez pessoas me vendo agora, umas choram, outras nem piscam. Reparo que sou cega. Não me lembro de quando perdi a visão. Nas paredes do armário tem toda a minha história, a minha e a de Esmeralda. Sinto-me feliz agora. E, finalmente, morta.

Primeiro fim

# POEMAS ESCRITOS POR SUNNY PARA ESMERALDA

Minha Esmeralda
Se fosse objeto seria
Um ventríloquo
Mas não.
Esmeralda é uma pessoa
Por mais imaginária que seja
Por diversas vezes mais concreta
Do que eu
Esmeralda e seu vestido rodado
Esmeralda menina grande
Quisera eu ser um objeto não imaginário
De Esmeralda.

Esme-ralda
Nada escrevo com E
Nada com S
Com M talvez maçã, meu, morno, mil
Com E nada novamente
Com R, risada, rastro, rombo
Nada escrevo com A, porque "amor" seria óbvio
Com L largo, laringe, lagartixa
Nada escrevo com D
Dou uma chance ao A e escrevo: amorfo

Ouço passos no corredor
Chinelos que se arrastam
É frio aqui essa noite
Sou duas hoje.
Uma que dorme na cama
Outra que mama no colo da mãe
Os chinelos andam sozinhos
Foi um pesadelo

Amiga querida
Vou escutar todos os seus conselhos
Os que pedi
E também os que me deste por nada.
Ah! Minha pequena irmã!
Farei de tudo, tudo que dissestes
Inclusive o que não concordo
Quem sabe assim,
Melhoro um pouco.

Quando eu me sinto
Quando sinto pena de mim
Quando me faltam palavras
Eu
Eu tomo um chá.

Era uma sala branca
Inteira branca
Tudo branco
Nós estávamos sentadas ali,
Também de branco
Cadeiras e mesas brancas
O ventilador branco girava forte e
rapidamente
De repente, ele entrou
Voando azul.
Voava perto do teto
Os ventiladores que eram dois
Giravam forte e rapidamente
Nos desesperamos
Ninguém sabia onde desligava aquilo
Ele bateu três vezes
E caiu no chão
Todo ensanguentado
Esmeralda correu para juntá-lo
Pediu que eu buscasse um cobertor
Eu me desesperei
Quem sabe aquecido melhore
Os olhinhos meio fechados
O pescocinho caído assim para o lado
Se ficar quietinho, sara logo, ela disse
Eu desesperada ainda.
Nos unimos
Os três
Tudo branco e vermelho agora
O passarinho sem as asas e vivo
Esmeralda conformada com o novo amigo
Eu desesperada ainda.

Nunca farei uma tatuagem
Estranhei aquele assunto
Nunca
Nunca mesmo!
Não respondi
Não entendi nada
Ela sabe que amo desenhos
Continua
Acho horrendo isso de pintar a pele
Tudo sujo, rabiscado
Minha primeira decepção com
ela, pensei.
Eu não
Eu quando crescer só vou deixar o rosto limpo
Vou desenhar pelo corpo todo
A história da minha vida.

Devaneio pensando que não posso morrer
Sem me deitar com um amor
Seja ele ou ela
Preciso disso
Ser amada e tocada
Nem que o coração saia ileso
O corpo molhado do sexo
O resto que pulse sozinho

Comparo minhas mãos
Passo horas olhando
Vendo outras por aí
Falando com as mãos
Chego a derrubar enfeites nas casas outras
Aqui, nada deles.
Posso falar à vontade
Cada vez mais brancas e magras
Dedos da paixão
Mãos tortas
Palavras tortas para combinar.

# PRIMEIRAS PALAVRAS (E FRASES SOLTAS) QUE SUNNY APRENDEU

Dor nas pernas
Fome
Dor de cabeça
Chorar o tempo todo
Chorar um pouco
Dor nas pálpebras
Fome de morrer de fome
Fome de maçã
Medo
Medo de apanhar
Medo de morrer
Golpes de martelo
Medo de morrer queimada
Náusea
Dor nas articulações
Dor nas costas
Sangue
Jorrar sangue
Veias
Menstruação sem fim
Vergonha
Sanidade
Loucura
Umbigo

Umbigo para fora
Cantarolar de alegria
Cantarolar de tristeza
Dormir
Dormir para sempre
Esmeralda
Esperança

Fim

# SOBRE A AUTORA

Maureen Miranda é atriz, atuou por 15 anos na Sutil Cia. de Teatro, dirigida por Felipe Hirsch. Trabalhou com diretores renomados como Cacá Rosset, Márcio Abreu e Paulo de Moraes. Fez cinco novelas na Rede Globo e quatro longas-metragens, pelos quais foi indicada ao Kikito como melhor atriz do filme Jesus Kid, de Aly Muritiba. Atualmente reside no Rio de Janeiro, onde possui seu próprio espaço cultural e está para estrear o Canto 12 da Ilíada, com direção de Otávio Camargo.

ESTE LIVRO FOI COMPOSTO COM TIPOGRAFIA FIGTREE,
NO FORMATO 14X21 CM E IMPRESSO EM PAPEL AVENA 80G
PROJETO APROVADO PELA SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA - GOVERNO DO PARANÁ, COM
RECURSOS DA LEI PAULO GUSTAVO, MINISTÉRIO DA CULTURA - GOVERNO FEDERAL

[CONTOS E CRÔNICAS]

SINOPSE

*O filho que não tive* conta a história de uma mulher que não foi mãe, porém se corresponde através de um diário,com um possível filho que está em um outro plano e a "vê" de alguma forma. Eles conversam através de sonhos, onde vivem outras experiências juntos.

A AUTORA

Maureen Miranda é uma artista multifacetada. Além de escritora, também é atriz, artista visual e figurinista. Seu primeiro livro, *Cidade Velha*, foi publicado pela Editora Rua do Sabão de SP. Lançará seu segundo livro em fevereiro de 2025, *O tempo de Rosa*.

ISBN: 978-85-85063-31-3

LEI PAULO GUSTAVO
A LEI ALDIR BLANC PARANÁ
BIBLIOTECA PÚBLICA DO PARANÁ
cultura paraná
PARANÁ GOVERNO DO ESTADO SECRETARIA DA CULTURA
MINISTÉRIO DA CULTURA
GOVERNO FEDERAL BRASIL UNIÃO E RECONSTRUÇÃO